

O IRREFREÁVEL, DE ALEXEI BUENO – DEVIR E PERMANÊNCIA

Henrique Duarte Neto

Livro recém-lançado, neste 2025, *O irrefreável*, de Alexei Bueno, saído por sua própria editora (Anadiômene), é um caso de poema-opúsculo potencializado por distintas atmosferas cromáticas. O aludido irrefreável é um rio, ou antes córrego, que atravessa parte da capital do estado do Rio de Janeiro prefigurando para o poeta-pensador reflexões e imagens acerca do ser humano, das coisas em si e, no geral, do próprio fenômeno da existência, em sentido estrito e amplo. Esse rio, inclusive, tem nome, Trapicheiros ou Trapicheiro, sendo cada uma das formas enaltecidas, já que o período de tempo em que se fez e faz alusão a ele se alterou, gerando, assim, a dualidade referencial. O poema de certa forma segue o desnível do rio (desnível mais intuído pela estrutura do que dito pelo poeta), com versos longos e curtos, prioritariamente sem o recurso explícito das rimas, o que em livros como *O sono dos humildes* (2021) e *Naquele remoto agora* (2024), esteve, pelo contrário, presente de forma recorrente.



Por outro lado, para dar conta deste exercício de apresentação e resenha crítica do livro, faz-se necessário remeter a uma parte da tradição poético-filosófica em torno do personagem literário “rio”, engendrando suas possíveis conotações convergentes e divergentes em relação àquele ensejado por Alexei. Sem ser como o rio de Alberto Caeiro, mais belo que o colossal Tejo (esse heterônimo de Fernando Pessoa que ficcionaliza o rio aldeão), nem o gigantesco e histórico Capiberibe, de *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto, aquele que aparece em *O irrefreável* é um “Pobre fluxo insignificante, que só é fundo na minha memória” (BUENO, 2025, p. 9). Além de calar fundo no eu-lírico (que não possuirá convergência, para usarmos o termo empregado por Michael Hamburger (2007), com o eu empírico?!), trata-se também de um rio simplório e podre, em que se enxergam personagens decaídos e marginais, como os mendigos com elefantíase, os bêbados que nele vomitam, as crianças pobres a caçar girinos (BUENO, op. cit., p. 9-10).

Dessa forma, pelo aspecto singelo traz à mente o rio de Caeiro, mas sem o paganismo e o caráter bucólico deste. Já pelo aspecto da podridão, provoca aproximações, em certo sentido, com o lamacento Capiberibe de *O cão sem plumas*, um rio de “fecundidade podre” (MELO NETO, 2003, p. 108). Mas pela urgência da comparação com os seres dissolutos, lembra mais Augusto dos Anjos, em inúmeros cenários, a articular e desarticular sonoridades ásperas em relação aos seres mais

sombrios e repugnantes (ANJOS, 1996). A atmosfera e a linguagem expressionista de Alexei, em certos momentos, como nesse referido, possui parentesco com a do poeta do *Eu*.

Ademais, por estar enfeixado na cidade dos homens, é o destino do rio ou córrego de Bueno descer e aderir ao grande mar, num fluxo que parece ser eterno e inesgotável. Ao contrário, do rio aldeão de Caeiro, “que não faz pensar em nada”, pois “Quem está ao pé dele está só ao pé dele” (PESSOA, 1997, p. 216), o do poeta carioca ilumina uma constelação de ideias, que, amalgamadas às imagens, tornam a paisagem pluvial sofisticada e densa.

Nesse sentido, o rio cantado em versos por Alexei Bueno é “irrefreável” (BUENO, 2025, p. 13) porque goza de uma espécie de liberdade fundamental, sendo em certos momentos considerado pelo poeta como pura propagação do devir e, em outros, a única expressão de durabilidade, de permanência, sendo que ao ser humano só cabe necessidade, aprisionamento e corrosão. Nesse sentido, a questão do devir vista em Heráclito por um intérprete como Nietzsche é oportuna (Cf. NIETZSCHE, 1995). O devir, mais que o logos, nessa interpretação, é a pedra-basilar que rege o mundo das evanescências, em que o ser não é, apenas está sendo. Heráclito, na visada nietzschiana, é o exato oposto de seu posterior antípoda Parmênides. Os dois inaugurariam tradições diversas na Filosofia Ocidental. Uma, a heraclítica, minoritária, ligada mais aos sentidos e à intuição, e outra, preponderante,

de foro parmenídico, vinculada mais ao conhecimento lógico e racional.

Para Heráclito, nada é permanente, tudo está em constante metamorfose, mesmo os princípios intrínsecos ao jogo cósmico, ao jogo da criação e da consumação de tudo no fogo. O filósofo de Éfeso chega a afirmar mesmo que: “Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas” (BORNHEIM, 1989,. p. 36). Este fragmento de número 12, talvez o mais famoso do filósofo pré-socrático, rompe não só metaforicamente com a durabilidade das coisas, mas a projeta como fundamento cosmogônico.

Em *O irrefreável*, Alexei Bueno oscila, como já o afirmamos, entre a efemeridade das águas, seu fluir, e, por outro lado, sua permanência. Assim, essa duplicidade de perspectiva: “Como nunca percebeste teu esvair-se,/ Por interminável,/ Eu e os outros, nós então não percebemos nada” (BUENO, 2025, p. 11). Aqui um devir que, em relação ao rio parece se autoanular, pois perpétuo. Já mais à frente, tal como o homem, a mesma efemeridade é projetada no rio que flui: “Algo nos une, no entanto, irrevogavelmente./ Como eu fluí, fluíste, segundo por segundo.” (BUENO, 2025, p. 15). Aqui os dois, homem e rio, na cena imaginada por Alexei, perfazem um viés efêmero, apenas estão sendo ao invés de ser.

Mas um pouco mais à frente, Alexei direciona seu versejar sobre o rio para uma rota preponderante e, mesmo, na contramão da perspectiva heraclítica: “— As águas chamam as águas,/ Mas

eu não sou as águas que passam, eu sou o passar das águas,/ Eternamente o mesmo, pois não me vou com elas, como com seus instantes ele se vai./ Todos os instantes que o constituem mutilam-no ao gerá-lo./ Eu permaneço, móvel e fixo, sob o sol, sob a lua, as nuvens e as estrelas” (BUENO, 2025, p. 17). Há aqui, sem dúvida, um diálogo explícito com o rio de Heráclito e com a ideia da inconsistências das coisas. Através das imagens ricas se criam ideias sofisticadas e complexas. As águas, efêmeras, passam, mas o rio não é as águas que passam. O rio é o passar das águas, que, por assim ser, não viola sua integridade, sua condição essencial. O rio permanece mesmo passando, na antinomia de ser, verdadeiramente, fixo e móvel, como proclama o próprio poeta.

Mas o clímax das relações entre o rio e o homem, aqui este bem mais como o ser de exceção, ocorre já quase no final do livro, quando o poeta propõe: “Escorro como tu, mas estou lá, não sei como, mas estou lá,/ Desfaço-me como uma vela, e continuo,/ Que será feito de tal luz, já bruxuleante,/ Que reverbera, que segue como um raio inútil pelo Universo inteiro?” (BUENO, 2025, p. 25) Apesar das fragilidades, tanto o rio-córrego, quanto o homem-poeta, permanecem em meio aos percalços. As narrativas do rio e do verso, que descem, respectivamente, as montanhas e as páginas tendem a um não esgotamento no fluir incessante. Um fluir que, paradoxalmente, é marcado pela presença e permanência. A fragilidade ecoa na natureza e entre os leitores. Mas uma fragilidade que reverbera positivamente, tornando-se potência expressiva.

Assim, aspecto central no livro de 2025, e que é recorrente na poesia de Alexei Bueno dos últimos tempos, embora já apareça na de todas as outras épocas de sua produção, é a questão do tempo – do tempo matizado pelo viés psicológico/existencial. Como vimos, uma questão complexa, pois o devir é complexo. Entre a efemeridade e a permanência se propaga uma escala de graduação hermética. O rio de Alexei Bueno, pequeno, diminuto, mas agora duplamente perene, pelo seu fluir-permanente e pela sua expressão dentro da poesia, vivamente amplificada, torna-o aos seus leitores inesquecível. A própria poesia do autor de *O irrefreável*, mostra-se sem freios quando o intuito é emocionar e tornar bela a verve lírica. Talvez o rio e o poeta do rio se tornem um dia, como previu na última página do opúsculo, uma só coisa (BUENO, 2025, p. 29), com certeza já têm seus caminhos umbilicalmente ligados.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Organização, fixação do texto e notas Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- BORNHEIM, Gerd A. (Org.) *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BUENO, Alexei. *O sono dos humildes*. São Paulo, Patuá, 2021.
- BUENO, Alexei. *Naquele remoto agora*. Rio de Janeiro: Anadiômene, 2024.
- BUENO, Alexei. *O irrefreável*. Rio de Janeiro: Anadiômene, 2025.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Edição organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. A filosofia na idade trágica dos gregos. Tradução de Maria Inês Madeira de Andrade, revisão de Artur Mourão. Rio de Janeiro: Elfos, Lisboa: Edições 70, 1995.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

HENRIQUE DUARTE NETO é poeta, ensaísta e funcionário público catarinense. Publicou quase uma dezena de livros de poesia e mais alguns de crítica literária. É doutor em Literatura pela UFSC.